

Só porque uma escada não responde

Sempre falei com cães e gatos e pássaros e árvores e flores e até mesmo com insetos, como o louva-a-deus, que não se sentem tentados em me morder ou picar.

Cumprimentá-los faz-me sentir como se fizesse parte de um mundo amigável (mesmo que não seja o caso).

E acho impossível que isso lhes faça mal.

A menos que contasse uma história longa e chata, é claro; ninguém, nem mesmo uma joaninha, quer ouvir uma história entediante da boca de um estranho.

Ocasionalmente, também conversei com paredes, cadeiras e mesas.

Quando troco ideias com eles, é possível que esteja a penetrar no território da loucura, mas quem poderá ter a certeza?

Só porque uma escada não responde, não significa que não esteja a ouvir.

Em geral, falo com animais e objectos em inglês – é a minha língua materna. Mas de vez em quando falo com eles em português, embora não possa garantir que o que digo está gramaticamente correcto. Não me custa nada eu evidenciar um pouco de dificuldade com a minha segunda língua porque imagino que os cães e gatos portugueses possam achar os meus erros engraçados ou até charmosos.

Noto que durante a pandemia falei menos com animais, plantas e objetos inanimados.

A máscara abafava esse desejo.

Conversava, talvez em compensação, muito mais com eles em pensamento.

E enviava mensagens de saudação e votos de boa saúde a todos que via usar máscara.

(Vou abster-me de dizer o que dizia em silêncio àqueles que se recusavam a usá-la, porque o que tinha a dizer não era muito simpático.)

Também sempre conversei com as personagens dos livros.

Sim, eu disse a Hester Prynne que teve a má sorte de nascer muito à frente do seu tempo e agradeci a Boo Radley por ter salvado a jovem Scout e perguntei à Medusa por que raio nasceu ela com cobras venenosas e aladas em vez de cabelos.

Se leu *Um Conto de Natal* então pode adivinhar que também mandei o Ebenezer Scrooge à bardamerda e que ganhasse tino e começasse a comportar-se como um *mensh*.

E talvez ele me tenha dado ouvidos, porque é isso o que lhe acontece no final do livro.

Então, talvez, tudo o que vemos, ouvimos ou pensamos, esteja em contato com tudo o mais.

Ou talvez não.

Não importa, porque já tenho 65 anos e não acredito que algum dia venha a ter a certeza.

Continuo a falar com qualquer interlocutor, em voz alta ou na minha cabeça, e, embora não fique à espera de resposta, guardo a esperança de que isso nos traga algum bem.